

FAZ amanhã 86 annos que o Senado, manifestando-se sobre o processo instaurado contra seus membros padre Diogo Antonio Feijó, Nicoláo de Campos Vergueiro e Francisco de Paula Souza, implicados no movimento de Sorocaba, irrompido em maio do anno anterior, julgou-os isentos de culpa, rejeitando a pronuncia contra os mesmos offercidos.

O levante de Sorocaba não teve grande importância. A 17 daquelle mez, assumindo a chefia do movimento, o brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, foi acclamado por seus correligionarios presidente do Estado e para isso, considerado por ellas deposto o barão de Monte Alegre, que exercia aquellas funcções. A rebelião contava com o apoio dos senadores acima referidos.

Informado do occorrido, o governo imperial mandou que o então barão de Caxias partissem para São Paulo, para restabelecer o regimen legal.

Caxias embarcou, por via marítima, a 17, a bordo do vapor "Todos os Santos".

A 7 de junho seguinte travou-se o combate de Venda Grande, a uma legua de Sorocaba, o unico em que se empenharam as forças adversarias. Apesar de superiores em numero, os legiõnarios do brigadeiro Raphael Tobias soffreram irremediavel revés.

A 19, Caxias occupava Sorocaba, installando-se no palacio do governo, sem que fosse preciso queimar uma unica estorva.

Raphael Tobias, que casára a 14 com a marquezia de Santos, fugiu no dia em que Caxias se apoderou da cidade.

Feijó e Vergueiro foram presos e mandados para esta capital, onde chegaram a 23 de julho, trazidos pelo vapor "Amélia". Fôram depois remettidos para Victoria. A titulo de curiosidade publicamos as cartas trocadas entre Feijó e Caxias, quando este chegou a São Paulo. E' escripta nestes termos a carta de Feijó:

"Sorocaba, 1 de junho de 1842.

— Ilm. e exm. sr. barão de Caxias. — Quem diria, que em qualquer tempo o sr. Luiz Alves de Lima seria obrigado a combater o padre Diogo Antonio Feijó? Taes são as coisas deste mundo... Em verdade o vilipendio que tem

o governo feito aos paulistas e as leis anti-constitucionaes da nossa assembléa, me obrigaram a parecer sedicioso. Eu estaria em campo, com a minha espingarda se não estivesse mtribundido; mas faço do que posso. Poderém alguns choques têm já produzido o espirito de vingança, e temo que o desespero traga terribreis consequencias!

E como me persuado que S. M. I. ha de procurar obstar as causas que deram motivo a tudo isto, lembra-me procurar v. ex. por este meio e rogar-lhe a seguinte accommodação: que é honrosa a S. M. I. e á provincia; e vem a ser: 1º cessem as hostilidades; 2º retire-se da provincia o barão de Mont'Alegre e seu vice-presidente, até que S. M. nomeie quem lhe parecer; interceda perante o mesmo senhor para que não nomeie soco, amigo, ou alliado do sr. Vasconcellos; 3º que a lei de reformas fique suspensa até que a Assembléa receba a representação que a Assembléa provincial dirigiu á mesma sobre todos os acontecimentos que tiveram logar e sem excepção, embora seja eu só

o exceptuado e se descarregue sobre mim todo o castigo.

Exmo. sr., V. ex. é humano, justo e generoso; espero não duvidará cooperar para o bem desta minha patria. Eu lhe assevero que exigirei a execução deste tratado por parte do governo actual da provincia, e como commandante das nossas forças pôde concluir definitivamente esta capitulação.

Deus felicite a v. ex. como de-seja quem é de v. ex. amigo, obrigado e venerador, *Diogo Antonio Feijó.*

P. S. — O portador lhe entregará alguns exemplares de um periodico que eu redijo."

O então barão da Caxias respondeu nestes termos:

"Ilmo. e exmo. sr. Diogo Antonio Feijó. — Respondo a vossa carta hoje recebida. Direi: quando pensaria eu em algum tempo que teria de usar força para chamar á ordem o sr. Diogo Antonio Feijó? Taes as coisas deste mundo! As ordens que recebi de S. M. o Imperador são em tudo semelhantes ás que me deu o ministro da Justiça, em

nome da Regencia, nos dias 3 e 17 de abril de 1832, isto é que levasse a ferro e fogo todos os grupos armados que encontrasse e da mesma maneira que então as cumprí, as cumprirei agora. Não é com as armas na mão, exm. sr. que se dirige supplicas ao monarca, e nem com ellas empunhadas admittirei a menor das condições que v. ex. me propõe na referida carta. Dispoño de forças quadruplas daquellas que hoje apoiam o partido desordeiro desta provincia e á posição em que v. ex. se acha marcham ellas em todas as direções e dentro em pouco tempo a cidade de Sorocaba será cercada e obrigada pelos meus canhões e baionetas a render-se.

Nenhuma resposta recebo que não seja a prompta dispersão e submissão dos rebeldes.

O portador entregará a vossa ex. uma porção de exemplares da proclamação que dirijo aos verdadeiros e leaes paulistas; e bem assim do que no mesmo sentido fez publicar s. ex. o sr. barão de Mont'Alegre, legitimo presidente desta provincia. Sou de vossa ex. venerador e obrigado creador, *Barão de Caxias.*"

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Table with columns for location (Interior, Exterior - Annual, Exterior - Semestral), amount, and unit. Includes sub-rows for Europe, Brazil, and North/South America.

Aos nossos assignantes pedimos mandarem reformar as suas assignaturas, afim de evitar qualquer reclamação por falta da remessa da folha.

As assignaturas podem começar em qualquer época, mas terminarão sempre em 30 de junho ou 31 de dezembro.

O preço da assignatura annual é de 60\$000 e o da semestral de 35\$000.

Toda a correspondência que se referir a este assumpto, quer ordinaria, quer registrada, e bem assim os vales postaes, deve ser dirigida ao gerente V. A. Duarte Felix.

TELEPHONES:

Director, 1558 C. Redacção 5698 C. Gerente 2072 C. Administração, 37 C. Endereço telegraphico "Correio Manhã".

VIAJANTES

Percorrem a serviço deste jornal o Estado do Rio, o sr. Francisco da Silveira Salomão, e Estado de Minas, os srs. Braulto Modesto, Eurico Baeta de Faria e J. C. Loureiro.

Desde o dia 31 de março p.p. a nossa secção de publicidade, a cargo do sr. Felipe E. de Lima, passou a ser incorporada á gerencia do "Correio da Manhã", com a qual os annunciantes deverão tratar directamente, ou por intermedio de agentes autorizados, toda a materia referente a publicações.

A revolução liberal mineira de 1842

1842 marca na historia politica do 2º Reinado um dos annos de mais intensa agitação. O Brasil mal acabara de sair dos dias procelosos da Regencia, que foi, como se sabe, um periodo de lutas acerrimas, apaixonadas, incandescentes. A paz não havia ainda inteiramente voltado aos espiritos. As feridas abertas em cerca de 10 annos de grandes lutas não se achavam de todo cicatrizadas.

No Rio Grande do Sul a situação de dia para dia se tornava mais grave, fracassando inteiramente todas as iniciativas tomadas e todos os planos architectados para a pacificação da provincia. O primeiro ministerio da maioridade dissolvera-se pela sizania dos seus elementos. E Antonio Carlos, Limpo de Abreu, Martim Francisco, os irmãos Hollandas Cavalcantis, ministros dispensados do gabinete caído, atiravam-se em uma opposição violentissima ao novo gabinete. Antonio Carlos, com o arrojo, a eloquencia e o destemor que o caracterizavam, vinha, mesmo, directo sobre a coroa, sustentando a celebre maxima ingleza de que o rei reina, mas não governa, a que Itaborahy, Vasconcellos, Paraná e outros grandes vultos do partido conservador oppunham esse outro postulado: o rei reina, governa e administra, baseados na Constituição do Imperio, que creara um 4º poder com o nome de Moderador, acima do Executivo, do Legislativo e do Judiciario.

Limpo de Abreu, mais avançado, ainda, que Antonio Carlos, e na pujança dos seus 44 annos, insuflava o povo e animava o espirito de rebeldia tão intenso naquella época, pregando com a vehemencia de suas phrases candentes, o direito que possui todo o cidadão de reagir pelas armas e pela revolução, na defesa dos seus direitos, das suas prerogativas e das suas liberdades.

Os debates parlamentares em 1841 haviam corrido com uma animação extraordinaria, tanto na Camara, como no Senado, apesar do caracter austero e sizado dessa ultima casa legislativa. O ministerio sustentava tres projectos, por cuja conversão em lei fazia uma questão fechada: o que transferia, das assembleias provinciais para o governo o direito de nomear os vice-presidentes das provincias; o que reformava o codigo do processo criminal; o que creava o Conselho de Estado. O ministerio venceu, mas após uma das campanhas parlamentares mais barulhentas que se travaram no segundo reinado, e em que se mediam na tribuna, em pugnas formidaveis, uns na defesa, outros no ataque, vultos do porte de Vasconcellos, Paraná, Itaborahy, Abaeté, Antonio Carlos, Paulo Souza e Paulino de Souza.

O anno de 1842 despontou sob essa atmosphera carregada. Todos os liberaes, presidentes de provincia, haviam sido exonerados e substituidos por conservadores. Os liberaes, exaltados, empenhavam-se, então, numa campanha pertinaz, por todos os modos e por todos os meios, contra os adversarios no poder. Limpo de Abreu fundára na capital do paiz um club liberal e esse club dirigia-se a todas as provincias do Imperio, aconselhando a que não reconhecessem a legitimidade das tres famosas leis votadas em 1841, reagindo contra ellas, mesmo que fosse á mão armada.

Agora, em 1842 iniciava-se uma nova legislação, e os liberaes em maioria, logo na primeira sessão, fizeram a sua demonstração de força, elegendo Martim Francisco presidente. Dois dias depois, o Congresso dissolvia a Camara, convocando outra para dali a seis mezes. Estava lançada a sorte. Os liberaes começaram-se. Entre-se numa série de combates e de preparativos. Passava-se isso a 15 de maio. 15 dias depois reunia-se em S. Paulo a revolução liberal, e a 10 de junho estourava em Barão de Cocos a revolução mineira.

O movimento se revelára pela madrugada, acclamando-se presidente da provincia ao futuro barão de Cocos, José Feliciano Pinto Coelho. As tropas levantaram-se, ao repicar sonoro e vibrante dos sinos. Theophilo Ot-

toni vem em pessoa animar a revolta, com o seu apoio moral e a sua cooperação material. José Feliciano proclama ao povo, convidando-o a adherir á revolução. S. João d'El-Rey cae em poder dos sediciosos. Queluz, após um tiroteio cerrado, rende-se igualmente aos revolucionarios. Sabará é tomada pela força. Uma voz, então, atróa nos arraiaes revoltosos: — A' Ouro Preto! A' Ouro Preto!

Ouro Preto era a capital de Minas, onde o presidente legalista Bernardo Jaynho da Veiga, surpreendido pelos acontecimentos, tratava de organizar a resistencia. A tomada de Ouro Preto seria a victoria definitiva da revolução. Seria o triumpho completo.

Mas José Feliciano, a este tempo, entrava a recuar dos seus projectos. O que não pensara antes de lançar-se na aventura, começava agora a lhe acudir ao pensamento. Meditava na sua situação. Avaliava as suas responsabilidades. Calculava as consequências dos seus actos. E vacillava...

Devendo preparar a marcha decisiva sobre Ouro Preto, licencia os soldados... O plano que elle organiza de manhã, de tarde já não serve mais. A duvida o domina. A vacillação e a incerteza fazem-no não mais um animador, mas um commandante que desencoraja os soldados.

Uma noite Theophilo Ottoni é surpreendido com a visita de varios chefes de influencia na campanha:

— O senhor vac ser acclamado vice-presidente e tem de dirigir o movimento.

E' que José Feliciano havia mandado propor, por si e sem consultar os amigos, um accordo ao barão de Caxias, chefe das tropas legalistas em operação contra os rebeldes. Ottoni, intelligente e atilado, viu de relance a situação. A sua investidura, naquelle momento, como chefe da revolução, não adiantaria coisa alguma á causa commum. Ao contrario. Viria provocar a scisão dos revolucionarios e, deste modo, melhor facilitar a victoria do governo. O caminho unico naquella conjectura difficil era ver se José Feliciano retomava a boa estrada, continuando a peleja.

Os revolucionarios estavam todos dispostos ao combate. Elles haviam deixado Sabará e se encontravam agora acampados em Santa Luzia. Organizam-se novamente as columnas e tomam-se providencias para o combate que não deve tardar com as tropas legalistas, já senhoras da cidade que os revolucionarios tinham abandonado. Eis, porém, que um acontecimento inesperado vem mudar inteiramente a face das coisas: José Feliciano, naquella madrugada, desapparecera. José Feliciano preparára tudo para o ataque... e fugira.

Ottoni tenta ainda um ultimo golpe:

— Ninguém deve saber que José Feliciano nos deixou. Ninguém.

E revoltado, dominando-se a custo:

— Metto uma bala na cabeça de quem der curso á noticia...

Mas qual! A nova da fuga do presidente corria celere por toda a tropa, desanimando-a, indispondo-a, desencorajando-a.

... ..

E' a manhã do dia 20 de agosto de 1842. Luiz Alves de Lima, vencedor da revolta de S. Paulo, estava já em Sabará, á frente dos legalistas. Dali a Santa Luzia, onde os rebeldes se concentravam, era um nada. Luiz Alves de Lima havia feito o calculo de só no dia seguinte dar combate aos rebeldes. Dividira as suas forças em duas columnas, uma que elle proprio commandava, e outra cuja direcção confiou ao irmão, o coronel José Joaquim de Lima, mais tarde conde de Tocantins, e que mandou aquartelar na Lapa.

Nos arraiaes da revolução, porém, a situação era diversa. Antonio Nunes Galvão não esmorecia na sua fileira e tinha resolvido, de qualquer modo, acometer os adversarios com quanta energia fosse capaz a sua gente, já desilludida e já desanimada. E o fogo rompeu... Os soldados de Galvão precipitavam-se sobre os soldados de Caxias com uma furia de loucos, sendo tal a vehemencia do ataque que o grande general da legalidade, contra as suas previsões e contra as suas ordens, teve de aceitar o encontro. Houve, mesmo, um instante em que a sorte da victoria vacillou. Mas José Joaquim de Lima, ouvindo o soar dos tiros e comprehendendo que a batalha havia se accepiado em 24 horas, formou a sua columna e corre em soccorro do irmão. Os revolucionarios, surpreendidos com aquelle reforço inesperado que os collocava entre dois fogos, desanimam e fraquejam. Então o barão de Caxias assume a offensiva, invade Santa Luzia, destroça os sediciosos, e aprisiona Theophilo Ottoni, com aquella mesma galhardia com que já, em S. Paulo, dera voz de prisão ao padre Feijó e ao senador Vergueiro.

Estava dominada a sublevação mineira.

... ..

Dias depois, voltando ao Rio de Janeiro, o general triumphante era convidado, ao passar pela cidade de Ouro Preto, a assistir um te-deum, officiado pelo bispo, em acção de graças pela victoria da legalidade. Caxias franziu o sobrececho. A physionomia fechou-se. E grave, sem ser rispido, austero, sem ser indelicado, mas decididamente, francamente, respondeu:

— O officio do clero é rezar pelos mortos. Não é congratular-se pelos resultados de uma luta fratricida que devia entristecer todos os corações brasileiros.

Heitor Moniz

Topicos & Noticias

Boletim do Tempo

Previsões para o periodo de 18 horas do dia 15 ás 18 horas do dia 16: Tempo: instavel, com chuvas. Temperatura: instavel á noite; em ascensão de dia. Ventos: de sul a leste.

Estados do sul — Tempo: instavel.

com chuvas, em São Paulo, e Paraná, e Estados. Temperatura Ventos: de sueste a até Santa Catharina; norte no Rio Grande. Nota (TTT) — A I teologia fez irradiar 45 minutos, pela estação um aviso informando Prata está sujeito a quadrante norte.

Synopse do tempo do tricta Federal (de 14 ás 15 horas do dia decorreu ameaçador, com viscos, á tarde e á de dia, isto é, com tempo incerto e ameaçador. A temperatura foi instavel á ascensão de dia. As peraturas extremas ventos do Distrito Federal xina 23º e minima peraturas extremas re servatorio Meteorolog das Nações foram: minima 18º, re horas e 5 minutos. Os ventos foram calmarios em parte.

Synopse do tempo do paiz (de 9 horas do dia 15): Zona norte — dos despachos t não é feita a syn Zona centro — horas, decorreu com chuvas e de parte de Matto Grosso se conserva horas. Trovejou, i diversos pontos de Grosso. A temperati vo em alguns ponto Os ventos foram rai fracos, reinando tado do Rio.

Zona sul — Nas foi instavel, com e em São Paulo; bo tados, salvo em B tharina), onde foi vas fracas. A's 9 o tempo era bom. Paulo, onde contin chuvas e chrviscos. A temperatura foi se, entretanto, em Santa Catharina e ventos predominaram fracos, observando-se, frescas em alguns po e Paraná, havendo p nou calmaria.

O serviço telegr Nota — A presente borada com os dados, horas e 30 minutos,ologica.

— Estado e tendent aguas dos rios: Rio Parahyba do Estacionario em Cac em Guaratinguetá, R e subindo no resto d Rio São Francisco tacionario em Barra subindo em Pirapora resto do curso. Rio Itajahy-Assu' tacionario em Pouso I do em Rio de Sul, H e Gaspar; subindo no Bacia Amazonica (d xando em Porto Velh

O que a mensagem esquecer

A estas horas dev Washington Luis di mas de mão na m aos congressistas va 3 de maio proximo

O resto do proclamaentario de 1927 h algum trabalho, pok centuámos, não se ce in albis a nação q esclarecimentos a rei ponto relevante do financeiro official.

Expedir decreto cor ção expressa da lei responsabilidade prev tigo 37 do decreto n. janeiro de 1892, que ta o mão uso da autor mettendo excessos damnosos ao Estado. dente da Republica, p contra a lei da estab 1926, fez incinerar 25 quando, se existisse orçamentario, deveria cação especial taxati sa, determinada...

Outro ponto que não obscuro é o da "d ctuante". O Tribunal impugnou-a o anno p sr. Washington orde gistro sob protesto. O citou impressionantes Camara dos Deputados riormente, oçcorrencias gravidade tornaram as "defesa da legalidad desca" em casos de pe leque Permínio e oute andaram no encaço e de bordados e galões dam, ordinariamente, n dos punguistas. Tudo ploravel e contristado obstinada proteção marotos serviu de este centivo a novas frau

No Exercito — diss cial superior recom perante a justiça "havia officiaes possi fortuna, proprietarios donos de automoveis, vam vida folgada". elle, alta patente, che repartição, não destr situação.

Isso está em docu cial, a denuncia do criminal da Republic sonancia com o que os órgãos livres e in da imprensa, que refle mor publico e os deb noria parlamentar.

A gravidade desse mentos, cujo desenrol todos os brasileiros mette a politica de aos desmandos do po cosa, feclama pelo trecho da mensagem palavra franca e le para restabelecer o governo, profundame

Productor e consumi

Commentando, ar solução parcial que dencia entre os i panificação e seus greve declarada pa aumento de sala mos que o consumi mesma situação, qu condições, porque o de padarias tratari trar, no bolso de a compensação pa riam a mais a seus E é o que já se insistencia.

Fizemos ver, ta felizmente o consu deria recorrer, com ao remedio efficaz obstante, como já brou, a proposito concessões tarifari aos industriaes de t pode prescindir, pór dor restringir as m reduzindo-as ao m tavel.

E' o que está faz Francez. Contra a ca da, elle se defende o tuam. Dia a dia s tuem em França do consumo. Com

CMP 2.0.3.6.26-2

Correio da Manhã 16-IV-1929

O MOVIMENTO LIBERAL DE 1842

CMP 2.1.6.26-3

Interessantes documentos historicos mostrando como mineiros e paulistas defendiam então as liberdades publicas

Passa hoje mais um anniversario da grande jornada de Santa Luzia do Rio das Velhas, onde heroicamente pelejaram, em um ultimo lance, os liberaes mineiros de 1842, levantados de todos os angulos da provincia em repulsa aos actos violentos e arbitrarios da facção absolutista que então governava o nosso paiz. Si em qualquer tempo não nos poderia decorrer no olvido um tal dia, menos licito seria isso hoje, em que, empenhados tambem em um ingente esforço de dignidade civica, devemos, de par com a energia que nos vem da justiça da nossa causa, haurir mais um estímulo para a lucta na recordação dos feitos abnegados dos nossos maiores. Não sem duvida para o transe supremo, a que foram elles arrastados, — confiemos da educação politica dos nossos contendores, — mas para esta não menor bravura que é a impavida firmeza, a fé inquebrantavel na persuasão e na defesa de um justo ideal.

Em breves linhas, podem ser lembradas as causas desse grande movimento civico que teve o seu epilogo na ephemeride de hoje.

A facção reaccionaria que, dominando nos conselhos do nosso primeiro imperador, o fizeram commetter os desvarios que o arrastaram á sua abdicação, embora sopitada depois durante alguns annos, conseguiu galgar o poder, ao fim desse periodo da nossa historia. Foi então que, para abafar as aspirações liberaes crescentes do paiz e se conservar no governo, ella levou a effeito, entre ou-

tros actos oppressivos, uma reforma radical da nossa organização judiciaria, entregando ás auctoridades policiaes em materia criminal, as attribuições judiciarias da formação da culpa, inclusive a pronuncia (lei de 3 de dezembro de 1841). Esta medida odiosa levantou, como era de se prever, um grande alarme em todo o paiz, motivando innumeradas representações das camaras municipaes e da assembléa da provincia de São Paulo, onde era muito vivo o sentimento liberal. Surdo a essas reclamações, o governo faccioso levou ao extremo a indignação geral, obtendo do imperador inexperiente a dissolução provisória da Camara dos Deputados, cujos poderes não haviam ainda sido verificados e para a qual haviam sido eleitos os vultos mais notaveis do partido liberal.

Accordaram então uma repulsa armada as provincias mais devotadas então á defesa das liberdades

publicas, as de Minas, São Paulo, Pernambuco, Parahyba e Ceará, além da do Rio Grande do Sul, que já se tinha levantado, desde o anno de 1835.

O movimento teve inicio na de São Paulo, em Sorocaba, sob a direcção do grande Feijó e de Raphael Tobias de Aguiar. Erros, porém, dos chefes militares, causaram logo o mallogro do levante, que só teve seguimento em Minas, e onde da cidade de Barbacena se irradiou impetuoso por toda a provincia. Patenteando a vitalidade civica da nossa gente, que apesar de mal municiada, sustentou valorosamente encarniçada lucta contra as forças legaes, batidas em varios recantos, como em Queluz, os revolucionarios mineiros tinham já garantida a victoria final, quando, á ultima hora, por um erro estrategico do seu commandante, a sorte das armas voltou-se para os legalistas, pondo remate á campanha.

Mas o espirito de sacrificio de tantos bravos, que heroicamente peljaram e soffreram por amor da liberdade, não pereceu, nem perecerá jamais na lembrança e no coração dos mineiros.

Os documentos, que abaixo reproduzimos, dizem com eloquencia do nobre sentimento liberal que em todos os tempos animou o patriotismo dos brasileiros.

Commemorando a grande data de hoje, a mocidade universitaria de Bello Horizonte fará uma peregrinação civica á historica e tradicional cidade de Santa Luzia, onde, nos sitios em que se travou a memoravel batalha, exprimirão diversos oradores o seu enthusiasmo e a sua fé civica.

REPRESENTAÇÃO

Dirigida a S. M. O. Imperador pela Assembléa Provincial de São Paulo pedindo a sustação das Leis das reformas do Codigo, e do Conselho d'Estado, e a demissão do Ministerio (1)

Senhor! A Assembléa Provincial de São Paulo, em cumprimento de seus deveres os mais sagrados, vem ante o Throno de V. M. I. pedir a sustação das duas denominadas Leis das reformas do codigo, e criação de um Conselho d'Estado, até o tempo em que a nova Assembléa as possa rever e revogar, como é de esperar, attenta a sua inconstitucionalidade; e de envolta reclamar de V. M. I., mais bem avisado, a demissão de um Ministerio traidor, cuja continuação põe em risco a paz do Imperio, a ordem e tranquillidade da Provincia, e até a segurança do Throno. A Assembléa Provincial de São Paulo desmentiria a sua origem e a naturalidade dos seus Membros, e faria subir ás faces dos seus constituintes o rubor

da vergonha de mistura com a me-necoria amarellidão da colera, se contemplasse silenciosa o desmornamento gradual da Constituição, a cuja sombra tem o povo paulistano, por mais de 20 annos, desfructado docuras de paz, as benções de uma crescente prosperidade material, e de um agodado melhoramento intellectual e moral; e deixasse que rufiaes e mandis do arbitrio mangrassem o fructo tão bem começado da liberdade publica. Não, Senhor, a Assembléa Provincial se não olvida que o nobre povo, que ella representa, se gosa de bem merecida reputação por sua fidelidade nunca desmentida, não menor nomeada tem conseguido por seu enthusiastico amor á liberdade, o seu religioso respeito e inabalavel affinco á Constituição que a formulou. A Assembléa Provincial recorda-se com prazer e orgulho, e com satisfação corveja sobre os feitos do povo paulistano, que a historia memorar aos vindouros. Ella se não esquece que a um Paulista sem par, o nobre Amador Bueno da Ribeira, de quem muitos dos seus membros têm a honra de descender, deveu a Corôa de Portugal a conservação desta bella Provincia, quando pela restauração subiu ao Throno portuguez, a Dynastia de Bragança. A esta leal Provincia recorreu o Augusto Pai de V. M. I. quando rodeado dos hostes luzitanas, a seu reclamo acudiu ella primeira, enviando centenaes de filhos seus a defender o Principe querido contra a insolencia e protervia da tropa lusitana. A Assembléa Provincial jubila ao lembrar-se que no Congresso portuguez foi de entre os Deputados Paulistas, honra lhes seja feita, que partiu pela primeira vez o trovão da energica indignação contra os villipendios, e partilha leonina de liberdade que

ao Brasil queria impôr esse desmiolado Congresso. Exulta ainda hoje a Assembléa Provincial quando aponta para o Ypiranga, onde se proclamou a Independencia do Brasil em alliança com a liberdade. Poderá, Senhor, recuar á Assembléa Provincial ante o perigo que por ventura lhe possa vir de dizer com energia a verdade ao Throno, e não recejará, antes enegrecerá, por timida prudencia e sordidos respeitos de personalidade, o ouro de gloria, que recebeu brunido? Não se pejará, de faltar á verdade, em que deve a V. M. I. occultando a feia nodosa de perjurio, em que despercebidamente fazem incorrer a sagrada Pessoa de V. M. I. indignos Ministros, detestaveis e detestados? Senhor, V. M. I. jurou guardar a Constituição, e sancionando actos que clara e flagrantemente a violão, quebra, sem o perceber, a religião do juramento. A observancia das formas, por que subirão á presença de V. M. I. estas denominadas Leis, não escusa a protervia do Ministerio. Elle não ignora que o nome de Lei não pôde caber a actos de pura força brutal e dissoluto arbitrio. Estes actos, Senhor, não são Leis, por peccarem na materia e na forma. Peccão na materia por lhes faltar o que constitue a idéa de Lei. No systema Constitucional a Lei é a expressão da vontade nacional, declarada por seus legitimos representantes, e sellada com o cunho do Imperante; mas a vontade nacional não é, nem pode ser se não o resultado da opinião reinante. Ora a opinião reinante reprova as prescripções desses façanhudos actos, até por serem decretados por falsos interpretes, rejeitados a maior parte pelo povo soberano. Peccão na

Estado de Minas, 20 - VIII - 1929

forma pelo modo por que foram introduzidos. Elles alterão claramente a Constituição, o que é indisputavel; e sendo assim, era de mister que não fossem taes alterações creatura de uma Legislatura ordinaria, como foram. De mais não ha Lei sem imparcial e conscienciosa discussão, sobre tudo quando se trata do que é puramente constitucional: a fortaleza da Constituição se não deve levar de assalto, preciso é rodeal-a de regular assedio, e apoderar-se pouco a pouco dos postos que a defendem, para que convencida pela necessidade, capitule a guarnição para salvar ao menos o que é essencial. Não foi assim que procedeu a vendida maioria da Assembléa passada; cega e tumultuaria para levar avante os nefarios projectos do governo, calculou todas as regras, não só da justiça, como até da mais commum decencia. Senhor, a Assembléa Provincial de S. Paulo, pondo de parte o topico de justiça e direito, por onde mostrou que se não deve obediencia aos actos, contra os quaes reclama, passará depois aos motivos de conveniencia, e prudencia politica, que aconselham a sua suspensão.

E' principio incontestavel em politica, que o poder é o apanagio da intelligencia e da riqueza social; a vista de olhos ainda a mais superficial sobre a historia da organização das sociedades humanas o prova. O povo, pois, que augmenta em illustração e prosperidade, de necessidade exige maior porção de liberdade, maior ingerencia nos negocios publicos; é, pois, um contra senso que se tire ao illustrado o que se concede ao ignorante que se negue ao rico o que se tinha outorgado ao pobre. Isto, porém, é o que fazem as cerebrinas reformas do codigo. A Constituição concedera ao Brasil infante e pouco illustrado, ao Brasil que marchava com passos ainda tardios na carreira industrial e no caminho da riqueza, uma porção de liberdade que o estomago fraco da infancia quiza não pudesse bem dirigir e assimilar; maus humores pode ser que se gerassem então desta imprevidencia, mas o uso fortificou o orgão, e ora que vão desapparecendo os inconvenientes de que nos queixavamos, a tyrannia e a cegueira nos pretendem reduzir a um regimen ainda inferior aos dos tempos coloniaes, fazendo resurgir, debaixo de novos nomes, os velhos Capitães-mores e outras quejandas antigalhas; o povo tem crescido em intelligencia, em resolução e em mutua confiança; tem a precisa penetração para descobrir os abusos de que soffre, tem confiança na força dos meios a que pôde recorrer para buscar a sua reforma; e contra esta força pensar em introduzir uma nova phalange

ao throno, sempre defensora da Constituição, e das publicas liberdades, ergueo o grito contra a tyrannia, que em vão se pretende estabelecer em nossa patria, e que empunhou valente as armas para defender a Monarchia, e a Constituição jurada, de cujo consorcio depende a felicidade commum dos brasileiros, e não desistira jámais de tão nobre empresa, sem que tenha conseguido o fim importante e louvavel a que se propoz.

A vos, Mineiros, pertence agora coadjuvar os brozos Paulistas na lucta que encetarão em defesa da Constituição e do throno. Empunhando tambem as armas, nós as nao deporemos sem que tenhamos conseguido o mesmo fim. Não vos illudão as promessas, ou ameaças da facção que

arraigou o Brasil, nem tão pouco a linguagem seductora de que ella se serve para chamar a si os homems de boa fé, que não reflectem nas consequencias da politica dessa facção, que só descarrará quando sobre as ruinas da Constituição arvorar o estandarte do absolutismo, tanto mais perigozo, e funesto, quanto mais disfarçado elle apparece com a capa da Constituição anniquillada. Reduzidos ao extremo de tomar as armas em defesa da Constituição e do Throno, nós respeitaremos sempre os direitos individuos dos Cidadãos e a propriedade de cada hum em tanto, quanto a mesma Constituição o determina; e só empregaremos o vigor necessario para repellir aquelles que depois da manifestação do voto publico ainda quizerem sustentar e defender a facção oligarchica, pelo Brasil inteiro detestada.

Se tivermos união, Mineiros, a lucta será breve, a facção cahirá bem depressa amaldiçoada por todos; e então unidos nós defendemos a patria contra as pretensões exageradas do estrangeiro que hoje nos dicta a lei em nossa propria casa. A facção que nos divide, e nos espesinha no interior, cede vergonhosamente a todas as ameaças, a toda a influencia estrangeira; e quando hum governo não procura apoiar-se no voto de toda a nação, quando arma huma parte della para guerrear a outra, esse governo não pôde achar as sympathias de que carece para luctar com vantagem a prol do seu paiz. He assim que os tratados se prolongarão contra o voto do Poder Legislativo; he assim que se dá aos estrangeiros no paiz huma influencia absolutamente incompativel com o estado de nossa civilização, e de nossa politica. He mais esse hum dos motivos que traxerão a dissolução da Camara para se não ver o governo obrigado a retractar-se de suas proprias palavras, ou a mostrar toda a extensão de sua fraqueza perante huma Camara que exigiria delle a par do mais religioso cumprimento dos tratados a mais firme sustentação dos direitos do paiz, que representava.

Não descancemos pois, Mineiros, em quanto o nosso fim sagrado se não conseguir; em quanto a Constituição não for outra vez restituída ao seu inteiro vigor; e a corôa tão livre em suas attribuições como o quer a mesma Constituição. A justiça de nossa causa he evidente; o seu triumpho será infallivel. — José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, Presidente Interino da Provincia.

wes, isto é, da quantia de 2.500.000.000 de marcos, em vez dos 2.050.000.000 de marcos, previstos pelos peritos até a applicação do plano Young por via de retroactividade. A somma em dinheiro, posta assim em disponibilidade, seria transformada em annuidades, em beneficio da Grã Bretanha.

As contas da Commissão das Reparações a serem definitivamente apuradas, poderiam, por outro lado, offerecer uma possibilidade de augmento da quota britannica, no tocante á parte inconicional da vida allemã.

A annuidade global estipulada pelo plano Young deixava, ainda, um saldo medio de 58 milhões de marcos ouro, que poderia ser attribuido tanto a Grã Bretanha como ás pequenas potencias a que era primitivamente destinado, e que receberiam compensações providas de outras fontes.

A Grã Bretanha receberia, finalmente, solidas garantias quanto ás prestações em especie. A clausula relativa á reexportação facultativa das prestações allemãs, em especie seria, por sua vez, supprimida.

Caso a Allemanha, usando da facultade de recommear os pagamentos em especie, cesasse, de pleno accordo com as potencias credoras, os pagamentos em dinheiro, seria instituido, por intermedio da Commissão das Reparaciones, o controle dessas operações. A' referida Commissão caberia, entre outras cousas, evitar que as entregas periodicas, por parte da Allemanha, fossem de molde a perturbar os mercados internacionaes.

O memorandum propõe em seguida a reunião de um comité de peritos inglezes, francezes, belgas, italianos e japonezes, com a missão de fixar o processo para applicação das medidas preconizadas e das respectivas cifras, e accentua que, desde já, é evidente, entretanto, que calculos precisos foram levados a effeito para determinar rigorosamente as condições do problema.

Os seus resultados eram, porém, demasiado complexos e variaveis, o que não impedia se pudesse affirmar que as reivindicaciones britannicas seriam satisfeitas na proporção de tres quartos do seu total.

Ahi estava, pois, uma transação visivelmente satisfactoria para a Grã Bretanha e que representava, por outro lado, indiscutivel esforço conciliatorio das demais potencias alliadas.

Restava sómente saber se o sr. Snowden desejava realmente o exito dos trabalhos communs, ou preferia, mantendo sem a minima redução as suas reivindicaciones, assumir, a responsabilidade do fracasso da Conferencia.

(j) Não nos foi possível haver copia da original representação; porém, sabemos que o projecto della apresentado na Assembléa Provincial de São Paulo, que aqui transcrevemos na sua integra, apenas soffreu muy pequenas modificações.

CMP 2.1.6.26-4

... Cesarino e José Bento de Assis. Geometria, 1.º anno, oral, sala n. 5. A mesma banca que serviu na prova escripta. Historia Natural, 5.º anno, sala

BRAGANÇA

Alistamento eleitoral. Acham-se qualificados neste municipio 2.687 eleitores.

ITAPETININGA

A REVOLUÇÃO DE 1842

A contribuição itapetiningana — Um traço do caracter paulista — Na fazenda do Bom Retiro — Gesto de itapetiningana — Gabriel Rodrigues dos Santos, arreieiro

A rebelião de 1842, encabeçada pelo então coronel Raphael Tobias de Aguiar, deu oportunidade a que a vida de Diogo Feijó tivesse o epilogo de uma grande obra de arte, arte verdadeiramente realçada e vivida, onde não faltou a verticalidade das attitudes e a glorificação do sofrimento.

Concertado o plano revolucionario em Sorocaba, por se ter frustrado a possibilidade do movimento iniciar-se em S. Paulo, eis que pela manhã de 17 de Maio tocavam a rebato os sinos das igrejas sorocabanas, pondo em alvoroço a população. Os sinos no alto das torres desmanchavam-se em sonoridades, convidando todos os povos da região para a grande cruzada da salvação do rei e da patria. E então, em Sorocaba, o coronel José Joaquim de Lacerda; em Porto Feliz, o dr. João Viagas Muniz e José Rodrigues Leite; em Itu, Tristão de Abreu Rangel; em Piracicaba, o padre Manuel de França; em Itapetininga, Paulino Ayres de Aguirra; e muitos outros, se aprestaram para a remessa de forças. Pela primeira vez a lealissima Itapetininga revoltou-se, pela primeira vez, attendendo ao commando de Paulino Ayres de Aguirra, as suas ruas se viram peçadas de soldados que iam com galhardia a combater o poder constituido. Nas extremidades das ruas o João Allemano vibrava mavorticamente a corneta, dynamizando cerca de trezentos homens, que, impados pelas glorias futuras, iam sob o rhythmo dos tambores, acordando o socego pacifico dos campos aljofrados pela orvalhada arcoirisada de sol.

Depois, é o que já se sabe... "Os periquitos! Os periquitos!" A derrota sem gloria, o medo, o panico, o ridiculo, e, no meio daquella desolação sem par, a figura eril de Feijó, que, envolvido na sotaina preta, era como um bronze dentro da noite.

Após a derrota incruenta, tentou Raphael Tobias recompor as forças; tudo foi inutil, diz o dr. João Moraes. "O exercito legal aproximava-se; e os ultimos fieis da revolta sem dar ouvidos a mais nada só cuidavam de fugir e esconder-se. De esconderijo em esconderijo, a sorella, veiu ter a Itapetininga, seguido de um enteado e de alguns camaradas. Não se sentindo seguro, foi abrigar-se na fazenda do Bom Retiro, deste municipio, pertencente ao digno itapetiningano Joaquim José de Oliveira. A esposa do fazendeiro, por estar este ausente, recebeu o foragido, dispensando-lhe fidalga hospitalidade. Alli se achava Tobias quando, alta noite, vieram os escravos prevenir a senhora de que a fazenda estava cercada por soldados. Immediatamente encarregou ella ao capataz do serviço, o pardo Agostinho, de frustrar por todos os meios a prisão de seu hospede; e Agostinho, com effeito, o conseguiu. Na fazenda havia uma enorme bica que alimentava a moenda. Nesse ponto haviam crescido plantas aquaticas que, presas aos lados do conductor, cahiam em festões emmaranhados, tão densos que serviram para occultar aos dois. Diversas vezes passaram os soldados junto á bica; esquadrinharam o engenho; subiram aos telhados, aos forros; e só se retiraram depois de muitas horas de infrutuosa pesquisa. Um facto deve ser consignado: Joaquim José de Oliveira, um dos ricos proprietarios itapetininganos, possuía a seu serviço mais de 200 escravos. Estes sabiam que alli se achava occulto um homem e, entretanto, não denunciaram a sua presença, e confirmaram mesmo que ha muitos dias ninguém pernottava na fazenda.

Quando Joaquim José de Oliveira voltou, e teve conhecimento do que sua esposa praticára, applaudiu o seu procedimento. Entretanto era elle adversario do chefe foragido. Eis ali um traço do caracter paulista. Retirando-se a escolta, foi Raphael Tobias conduzido por vaqueanos da fazenda para logar seguro, até que depois de muitos dias e de muitas difficuldades, seguiu marcha, procurando as fronteiras do sul".

E foi assim que se findou o sonho de Raphael Tobias, sonho desfeito numa grande e sonora gargalhada, que nossos caboclos violeiros eternisaram na chronica popular com esta satanica quadrinha:

"O nosso rei Tobias, querendo se escapá, passou por Campo Largo de chilena e chiripá."

Muito tempo depois por aqui passou, tambem, Gabriel Rodrigues dos Santos. Viéra do Sul, onde esteve foragido, incognito e falto de recursos. Cheio de saudades, não teve outro meio para attingir S. Paulo senão empregando-se como arreieiro de uns tropeiros que se dirigiam para S. Paulo levando tropas para negocio. Não havia empregado mais diligente do que Gabriel Rodrigues dos Santos. Antes do sol estava prompto para levantar o pouso; é que ninguém mais do que elle tinha pressa de attingir S. Paulo. Um dia Gabriel viu a viagem retardada: os seus patrões, desavindo, não estavam de accordo relativamente a uns juros de certo documento, e em disputa eternisavam-se no pouso para o acerto das contas. Então, Gabriel Rodrigues dos Santos, cheio de saudade, pegou de um pequeno galho, e, na estrada poenta e batida de sol, fez o calculo com grande espanto dos patrões pelo saber que mostrára o arreieiro Gabriel dos tropeiros do Sul. Desconfiado da identidade do empregado os patrões interpellaram-no. Gabriel confessou tudo.

"E' então o sr. o dr. Gabriel, aquelle que já ouvi por tantas vezes defender no jury!" disse um tropeiro.

E desde esse dia, então, os patrões do dr. Gabriel tornaram-se voluntariamente criados do grande tribuno. E não houve uma só vez que fosse cavalgar a sua alimaria que seus antigos patrões, com os olhos cheios de pasmo, não lhe viessem segurar as rédeas e os estribos...

Melhoramento local

Foi inaugurada a nova iluminação publica da praça da Matriz, que apresenta agora um bello aspecto.

Hospedes e viajantes

Regressaram: de Angatuba, acompanhado de sua exma. familia, o sr. prof. José Elias de Mello; de S. Paulo, com sua exma. familia, o sr. prof. Joaquim Carlos de Azevedo.

Em visita aos seus paes, acha-se nesta cidade o sr. Fabio Fabiano Alves.

Os eleitores da comarca

Conforme apontamentos fornecidos pelo cartorio competente, é o seguinte o numero de eleitores da comarca com direito a voto nas proximas eleições de 1.º de Março: Itapetininga, 3.031; Angatuba, 1.231; S. Miguel Archanjo, 649. Total, 4.911.

zes reeleito, o Soares. Podemos que as installa quasi completad co pavilhão par cialmente const O aparelham dencia norte-an necido pela c rando & Comp., a montagem es engenheiro sr. chek. Completa desse tecnico, serão experime diologista dr.

Por estes dia da a important ta Casa, estab traordinariamer nestes ultimos á dedicação e t rativo do maço do sempre com los seus compa recção e pelo r no.

Congregação

Os membros d Mariana de Mo pelo facto de t cidade aggreg

Melhor

BAURU', 26.

A zona Noroe as zonas do E a que maiores com a actual t aqui já explic por que foi m que as outras ctoras.

A crise cont justa consign de a melhorar. bora, o comm reanima. Reap compradores, e fino, beneficia prava a 40\$000 Ainda hontem rente de banco reaparece a do interesse p tá claro que e

ARAR.

Barbar

ARARAQUA

Domingo u ras mais ou na Villa da lista de Estr districto de F cipio, um bar qual foi vic ali geralmen fe de numer

A victima guarda-trem lista, tivera lavras com dos Santos, rio daquella go alvejado de revolver, sem vida.

Lazaro dos me, ainda r victima, af vólver em que o tenta se verificou com a cheg

Fest.

Para proi Bento, padr realisar-se proximo, f srs. José l sé Alves C Paula e SII Mario Ferr

nação es, pois de es- inteiro, o cobra e nunca os, para e-se que, lidade, a paga na cebedor, r a São seu de- sacrificio sa pode- cia em o nosso ercial e porcionar s contri- essa ma- cios que necessi- Mesmo mais facil ão Caeta- que ir a r. prefeito se inte- dos muni- rovidencia n de que municipio compa- expostos.

L

los seus do essa o vereaa presiden cias que para dar-

r. Annibal a autorida- assumpto. do prefeito ente pode- efeitura a mesa fosse entido, pe- sr. Belfort fficio, que dao pelos de bancada, ães Junior e

idente da Ca- Os abaixo- ases, vem, por edir seja le- nto do pre- factio de exist- e dependem- eitura do Ar- cartazes de ca. Ora não e um edificio se transforme paganda poli- la pelo presi- evado o facto da prefeitura, aça cessar es- vendo a tratar, pendeu a re- os vereado- ima sessão or- r-se no dia 5 o.

Cavalcanti e hy), 100\$; fa- ia (Rio), 100\$; e senhora (Be- enina Verinha tiza Betim, 50\$; e familia, 30\$. ada, 2:080\$. To-

o Estado

ez de Março ras, haverá no tado, chamada criptos nas se-

1.º anno gym- de candidatos culares. Banca Ernesto Oli- Paula e prof. ala n. 3. no gymnasial nno, a mesma ica. sala n. 5. a — drs. Er- José Bento de Ferreira Cesa-

5. A mesma

Geometria e sala n. 3. A 1.º anno gym- Inglez, 2.º sé- lligios parti- minadora, a História do



Vista parcial da Pra

Estado 27-II-1930

Os dois partidos. As duas leis de novembro de 1841. As origens da revolta. São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Geraes. O general barão de Caxias. Movimentos. Chegada das primeiras forças. Entrada do general barão de Caxias em Taubaté. O alferes Francisco Alves Monteiro hospeda o barão de Caxias e Estado Maior em sua casa, á rua do Sacramento n. 1. Correspondencia do barão de Caxias com o Marquez de Mont'Algre, governador da Provincia de São Paulo, escrita de Taubaté. Sayão Lobato, Juiz de Taubaté. Notas e fatos.

I

Proclamada e reconhecida a Independência da nossa Patria, passada a "Chichorrada" com todas as suas idéas de absolutismo, naturalmente evoluiu a massa popular, dividindo-se, como era de prever, em duas grandes correntes, defendendo cada uma delas, com todo o ardor o seu ideal e programa. Referimo-nos aos Liberaes e aos Conservadores.

"Uns — os conservadores — persuadiram-se de que era possível instituir na America um regime modelado pelo regime inglez. Para isso, tratavam, com esforço, de normalizar o funcionamento das instituições, deixando sempre no alto, acima da contingencia dos partidos, a soberania intangível da coroa — reguladora e ao mesmo tempo irresponsável: coisa, aliás, que se não compreende bem si não na patria classica do parlamentarismo, lá onde o aparelho, além da coluna mestra do trono, tem peças essenciaes em que se apoia. O erro estava ahí sem duvida: estava em pretender-se, para concilia-la com o espirito americano, fundar aqui monarquia como a de Inglaterra. Por isso mesmo é que nos deram apenas uma cons-

trução artificial, e tão fragil que não se sabe explicar, como é que durou tanto. Os outros — os liberaes — parece que foram mais logicos, e viram melhor o problema creado pela independencia nas condições especiais em que foi feita. Certos de que a monarquia não era mais que um acidente na nossa historia, cuidaram de exigir dela o mais que ela podia dar. Aceitando-a como os conservadores a aceitaram, em vez de esforço inutil no sentido de a consolidar, preferiram o de pedir-lhe o maximo que estivesse na elasticidade do sistema, de maneira a ir aplainando o caminho para um regime mais adaptavel ás exigencias da nossa indole." (Rocha Pombo).

Alternativamente victorioso, nos debates das Camaras, ora o partido liberal ora o partido conservador, foram os liberaes vencidos nas camaras, com a decretação das duas leis de 23 de novembro e de 3 de dezembro de 1841; a primeira, creando o Conselho de Estado e, a segunda, a reforma doCodigo do Processo.

São essas duas leis a origem da revolta de 1842. Conspiravam os liberaes então abafadamente, contando suster ainda nas Camaras a aprovação de ambas as leis. O Decreto de 1.º de maio de 1842, dissolvendo a Camara dos Deputados e convocando outra Camara que reunir-se-ia em 1.º de novembro do mesmo anno, fez com que estourasse a revolta. O signal de alarma foi dado em Sorocaba a 17 de maio. O Barão de Mont'Algre substitue ao Coronel Rafael Tobias de Aguiar, então presidente interino da Provincia. A revolução alastrava-se pelo chamado Norte do Estado. O Governo Imperial nomeia o Barão de Caxias para restabelecer a ordem nas cidades e provincias sublevadas.

II

No magistral e consciencioso trabalho do Padre Joaquim Pinto de

Taubaté e a revolução de 1842

(Especial para A RAZÃO)

Felix GUIARD FILHO

I

Campos, prelado domestico de S.S. deputado á Assembléa Geral Legislativa do Brasil pela Provincia de Pernambuco, editado em 1878, no capitulo V encontramos: "... a republica de Piratinim repercutiu em S. Paulo e grandes foram na corte os receos de que esta insurreição, que desde logo se apresentou formidável, tomasse carater de maior gravidade; porque as forças rebeldes, sem resistencia, avançavam para a capital da provincia, por cuja sorte se temia. Todos os olhos se volveram para o brigadeiro barão de Caxias. Já a esse tempo havia ele sido investido no mais alto cargo militar do Imperio, o de comandante das armas da corte e provincia do Rio de Janeiro, cargo esse que não tendo por superior senão o ministro da Guerra, era analogo ao que depois se concederou com o nome de ajudante general. Apenas nomeado, pronunciou-se unanime a opinião publica, bradando que em tão criticas circunstancias, devia a pacificação de tão larga zona de territorio insurgido ser confiada a quem tão dignamente se havia desempenhado de outro encargo semelhante. Não fez, pois, o governo, mais que corresponder ao voto geral, chamando o sr. Barão de Caxias a dirigir estas novas e dificeis operações.

Entregando-lhe, pois, toda a direção militar, e a vice-presidencia de São Paulo (cuja presidencia estava

ocupada pelo depois marquez de Mont'Algre), para logo se patenteou novamente a febril atividade com que esse chefe, nos casos urgentes, se multiplicava, operando prodigios de celeridade e vigor. Não eram decorridas vinte e quatro horas da sua nomeação, e já o energico barão vogava para a cidade de Santos, quasi sosinho, sem recursos! Suficientes e sem exercito...

Levara 400 recrutas, bisonhos, e tirados de depositos (de tal ordem eram esses soldados que o conselheiro Antonio Carlos, escarnecendo de semelhante exercito, bradava: "Como! para combater fosse a quem fosse, especialmente para combater homens da patria de Amador Bueno, para subjugar paulistas, mandam-se 400 cadaveres ambulantes!") para fazer face a 3.000 homens, já entusiasmos com a sua não obstada marcha triunfal; o resto lá o iria aranjando pelo caminho, conforme podesse, com os elementos que se lhe proporcionassem. Chegou por mar a Santos com essa insignificante força; e apenas desembarcou, expediu circulares ás estações competentes, ordenando-lhes preparações para 3.000 homens. Que impulso o moveria para tal requisição? Imaginaria? que o seu diminutissimo nucleo guerreiro instantaneamente se engrossasse a tal ponto? ou seria no intuito que se espalhasse a noticia, escondendo assim dos insurgentes o numero real

dos seus soldados? não o saberei dizer. Só sei que apenas poz pé em terra, perguntou se a serra do Cubatão estava occupada pelo inimigo, pois, se o estivesse lhe houvera sido impraticavel marchar: e como se lhe respondesse pela negativa, não parou um instante, e, seguiu sem descanço até o alto daquela serra; sendo só então que poudo tomar banho e refeição e até falar. Nem ahí mesmo se demorou; proseguiu aceleradamente para a capital. Era tempo: e aos Pinheiros, a uma legua de distancia, chegavam as hordas revolucionarias, quando o general entrava em São Paulo. Apesar do cansaço e da desigualdade das forças, o barão tomou logo a ofensiva, em vez de se limitar a defender a cidade; e indo ao encontro do inimigo, que estupefato desta inesperada attitude, parou e deu tempo para rapidamente se organisarem meios de defesa, paralisando as operações adversas. Depois, pondo-se as forças imperiais em marcha para Sorocaba, foco da rebelião, ali entraram no dia 20 de junho, afugentando os rebeldes e cándo em poder do barão as proprias peças de artilharia, que eles haviam assestado nas avenidas da cidade, o armamento e prisioneiros. Para logo foi extraordinaria a desmoralisação nas fileiras dos insurgentes, grande numero dos que lhe seguiam o estandarte se apresentaram ao general; e esvaeceu-se o prestigio dos chefes.

III

O alferes Francisco Alves Monteiro, tronco da grande familia taubateana dos Monteiros, tivera ordens de fazer recepção condigna ao brigadeiro Caxias, seu estado maior e suas tropas.

Assim foi. Com toda a pompa viavel naquele tempo, acolheu o senhor Alferes o General Barão de Caxias em sua casa de residencia, á rua do Sacramento n. 1, casa que depois de sua morte passou sucessivamente para José Rodolfo Monteiro, José Gabriel Monteiro, Augusto Cesar Monteiro, seus herdeiros. Bertencen-

do hoje ao sr. Antonio Marcondes de Moura, coletor federal na cidade.

O grosso da tropa acampara no Largo da Palmeira, hoje Largo de Santa Clara. Diversos episodios sucederam, conservados e transmitidos até hoje pelos descendentes de Francisco Alves Monteiro. Nas proximidades da fazenda de Santa Cruz, no municipio de Jambéiro, hospedara-se o Barão em casa de um roceiro "remediado", chefe de numerosa familia. Desaparecera o chefe, ficando a casa com alguns escravos e a criançada. No fim de algum tempo uma das crianças zangou-se com o Barão dizendo que por causa dele o papae tinha abandonado o lar. Deu o Barão as devidas providencias fazendo procurar o sitiante, que se refugiara num dos cafezaes afastados da séde da fazenda, fazendo-se-lhe vir para a casa, com o que muito se alegrou a pequenada.

A população da cidade fugiu amedrontada, e não era, todavia, sem razão, visto como não se tratava de uma simples passagem de tropas imperiais com destino á Corte.

Tratava-se porém, nada mais nada menos, do que pacificar a provincia de São Paulo, e Taubaté também, como a cidade mais importante do chamado Norte do Estado, provavelmente envolvida de modo grandemente comprometedor na revolução.

Na documentação consultada, não se nos depararam informações que clareassem a situação interna de Taubaté, entre os liberaes e conservadores. Ao que consta, alguns chefes debandaram.

Nada se fazia naquela época em Taubaté, sem que o sr. alferes Francisco Alves Monteiro soubesse, qui-

zese e mandase. Avisados os maiores da cidade de que o protocolo exigia que se apresentassem na chegada de emisarios do Imperador D. Pedro II com o melhor habito, insignias e condecorações, assim contam, lá apareceram quasi todos vestidos de habito da Irmandade Terceira, então de grande monta e valia em Taubaté. Foi comtudo acudida, em tempo, semelhante ridicularia.

Contam mais que o capitão Jacinto Pereira de Barros viajava a cavallo de sua fazenda do Bomfim, situada nas divisas com S. Luiz do Paraitinga, pelo caminho que daquela vila vem a Taubaté. Recebendo em viagem, entre os bairos do Taboão e dos Remedios, o seu co-reio narrando a estada do general Caxias em Taubaté, retrocedeu, afim de evitar qualquer incidente desagradavel. Assim conta Antonio José Peixoto, que ouvira esta explicação do proprio capitão Jacinto Pereira de Barros. Quaes seriam as idéias do capitão Jacinto Pereira de Barros naquele tempo? Estaria ao lado daqueles que na Corte, em S. Paulo e Minas Gerais discordavam das leis de 23 de novembro e de 3 de dezembro de 1841?

Dizem também que no grande banquete oferecido pelo alferes a Caxias e officiais, recomendara aos seus criados que collocassem á mesa do general e demais graduados todos os talheres grandes, de prata. Aconteceu, porém, que o preto encarregado de tal serviço puzera no lugar de honra a concha de sopa em vez de colher. Também foi concertado a tempo este incidente. Dizem mais, também, que foram assaltados em caminho os negros que conduziam para Taubaté uma balxela, tomada por empréstimo em Jacarehi.

A Razão - 12 - XII - 931

CP 2.110.26-5

Caxias em São Paulo -- Feijó e o Pacificador Como se desfaz uma lenda

E. Vilhena de MORAES

(Do Instituto Historico)

[Especial para "A RAZÃO"] GNF 2-1-6.26-6

"Tendo entrado em Sorocaba as forças leaes, foi Caxias á casa de Feijó. Depois de o cumprimentar, disse-lhe commovido:

— Só o dever de soldado me impõe o doloroso dever de vir prender o sr. Senador Feijó, um dos chefes do movimento revolucionario. Convido-o a acompanhar-me.

— Estou ás suas ordens, respondeu-lhe o velho enfermo.

— Se V. Ex. deseja levar alguma cousa para o quartel, dê providencias, pois lá falta tudo...

— De nada preciso, senão de uma esteira.

Feijó foi levado numa cadeira de braços, carregada por quatro soldados, para o estado maior do Barão de Caxias".

(Dr. João de Moraes — "Revolução de 42").

Basta recordar a scena em que apparecem como figurantes, após a rendição de Sorocaba, Caxias e Feijó, para se verificar que o papel attribuido ao padre velho não é, propriamente, o de uma perfeita resignação evangelica, ou, si quizerem, estoico indifferentismo, capaz de abalar, pela sua doçura e serenidade, o animo hostil do vencedor. Longe disso. Taciturno e monossyllabico, dá o ex-Regente mostra de uma indignação surda e concentrada, desdenhosa e altiva, mais propria certamente a movel-o á irritação e á represalia. Sendo assim, poderiam talvez quantos conheçam alguma cousa do caracter independente de Feijó considerar essa attitude mui consentanea ao mesmo e, portanto, resolvido, desde logo, pela affirmativa, a duvida que levantamos, si psychologicamente, pelo menos, podia ser o facto verdadeiro. Estariam, porém, em erro, pois, não figura ahí nesse traço o homem todo. Mau grado a altaneira, o orgulho das respostas ha nellas uma moderação, um lacinismo, uma calculada frieza, um self-control, em summa, do qual Feijó, por indole pessoal, e muito mais pelo aculco da tremenda enfermidade que, já de muito com certeza, o estava corroendo no mais intimo da sua fibra nervosa, era absolutamente incapaz, conforme em todos os actos da sua vida sempre e em toda parte o demonstrou. Essa falta do proprio senhorio foi, sem paradoxo, ao mesmo tempo que o segredo do seu unico e rapido exito politico como ministro da Justiça, numa quadra agitada em que só mesmo um violento, um estourado podereria soffrer a desordem, a razão maxima do seu mallogro, da sua queda final, como Regente do Imperio, posto delicadissimo que requeria um tacto, uma calma, uma ductilidade de expedientes que nunca jamais possuiu. Cercado das regalias magestáticas, as suas fallas do throno não são apenas modelo de descobrimento verbal senão, ás vezes, perfeitos destampatorios. Ao proprio Summo Pontifice, Christo vivo na terra, a linguagem que elle, sacerdote, indicado Bispo, fez fallar ao nosso embaixador junto ao Vaticano, foi a mais insolita e desaforada possivel. "O monstro Vasconcellos", eis a expressão com que de publico se referia ao seu principal adversario, o gigante do parlamentarismo brasileiro.

Nesse ponto, como em tantissimos outros, aliás, era a antithese perfeita e acabada de Caxias "o grande heroe tranquillo" na phrase lapidar que ficara eterna, do mallogrado Euclides.

Fidalguia ancestral, educação esmeradissima, disciplina militar ainda mais castigada pelas etiquetas da corte, como professor que foi de grama e equitação do jovem imperador, porte magestoso e elegante, não se congregava na pessoa de Caxias para fazer delle um typo de paladino medieval em pleno seculo dezenove.

A realçar-lhe ainda a natural distincção de maneiras e o trato captivante, possuia, disse o Marechal Bormann, que tão de perto o conheceu, como ajudante de ordens, um olhar impressionante, apenas comparavel pela sua fascinação ao sorriso encantador do general Osorio. Tão severamente adstricto sempre ás normas da polidez, mesmo com os intimos que, já velho e cansado, da politica e da doença, escrevendo certa vez ao genro, Visconde de Uruahy, aditou um post-scriptum para lhe rogar desculpas de só ter advertido que o papel (que ora tenho debaixo dos olhos) estava rasgado, quando já não era tempo de fazer outra copia... Em casa, na sua propria camara não entrava, estando nella a Duqueza, sem bater primeiro á porta (*). Esse homem que rev-lava assim em tudo e tudo por tudo tão grande dominio de si mesmo, alteou, é certo, algumas vezes a voz com os truões da politica, escreveu phrases de vehemente indignação, disse, uma vez, no inicio da guerra do Paraguay ao proprio Senhor D. Pedro II palavras tão graves, que, frio por indole, o imperador, então na plena força da maturidade, acabou chorando, amparado nos braços do velho e leal servidor. Na sua compostura, que o andar dos annos, foi tornando por assim dizer, hieratica, nenhum insolente, que nos conste, se descommediou com elle. Apesar de todos esses predicados, si, no seu primeiro encontro com Feijó, tivesse Caxias, contra os seus habitos, contra o seu feiço, ensaiado, mesmo na polida forma que se lhe attribue, uma attitude estudada ou theatral, a réplica immediata do asperrimo interlocutor não poderia ter sido aquelle especimen de correcção altiva, com que o mimosearam, mas uma formidavel descompostura que poria logo fim ao spectaculo. Basta para disso nos convencermos recordar a arrogancia com que, dias antes, o padre, na imminencia de ser a cidade cercada pelos canhões e bayonetas de Caxias, assume desassombro a responsabilidade de tudo e lhe impõe ao general uma capitulação em regra, nada menos que nos seguintes termos: cessação das hostilidades; destituição do Montalegre; amnistia geral, para tudo e para todos, menos elle... E ainda mais do que isso, a attitude d'ahi por deante até o fim mantida por Feijó. Porque a sua figura invulgar não desaparece como suppõe ou fingem suppór alguns, varrida instantaneamente do scenario naquella solenne prestito em que pelos modos, o foi escoltando tambem Caxias, (***) como nas villas do nosso interior seguem os moleques o palhaço do circo... Não, continúa ainda ahí por deante, até quasi ás vespuras da sua morte, na phase mais dolorosa, que o redime, da deportação para o Rio, do des-

terro para o Espirito Santo e do processo perante a alta corte do Senado.

Em todos esses passos, como, documentadamente, não tardaremos a ver, revela-se o mesmo insubmisso, o mesmo rebellado, o mesmo recalcitrante de sempre, na resistencia tenaz ao que elle chama actos extra-legaes e extra-constitucionaes e na defesa das suas altas prerogativas de senador do Imperio. Nem mesmo quando, no leito de morte, "cercado como Job de dores do inferno", se voltara resignadamente para Deus, perdera elle de todo a sua combatividade de espirito. Posso mesmo citar a respeito, colhido de uma referencia incidental de Caxias, já velho, em carta a seu amigo Osorio, uma passagem expressiva que não pode deixar de ser autentica. "Tirem-me este Honorio, tirem-me este Honorio" — clamava com voz roufenha e quasi moribundo. Os "Honorios" eram sinapismos que, requemando-lhe as pernas, traziam ao ex-Regente a lembrança d'aquella ardorosa, incessante opposição que, aliado ao "monstro Vasconcellos", lhe movera na Camara Carneiro Leão, o futuro Paraná, apellidado, aliás, mais tarde, por um anonymo "o insolente-mór do Imperio".

A' vista do exposto, é-nos licito, parece, concluir que, psychologicamente considerada, essa anecdota é falsa, por contravir em absoluto, sem razão especial que o justifique, o genio, o caracter, o feiço moral de ambos os protagonistas. Teria sido esta, com effeito, a vez primeira que, em sua longa e accidentada existencia, houvera manifestado Caxias um inferentismo lorpa pelo infortunio alheio e Feijó uma conformidade, um abandono, uma resignação evangelica ou budhista deante do facto consumado. Tal, porém, não se deu. Nem o general victorioso atirou, como dá a entender a historietta, o pobre paralytico para cima de uma esteira ou tarimba no quartel, nem Feijó, (que, aliás, não parece se achava então propriamente naquelle estado) entregou, como se diz, os pontos deante do vencedor. Que é que se passou então?

E' o que nos vae agora, finalmente, attestar:

- 1.o) — O testemunho negativo e positivo dos historiadores;
- 2.o) — O depoimento do Barão de Monte Alegre, presidente da Provincia;
- 3.o) — O depoimento indirecto da correspondencia epistolar de Caxias e Feijó;
- 4.o) — O depoimento formal de Caxias;
- 5.o) — Um documento negativo e ultimo de Feijó, peças historicas estas ultimas conservadas quasi todas até agora absolutamente ineditas.

Até agora, como ha de ter notado o paciente leitor, vinhamos argumentando na hypothese de uma absoluta ausencia de documentos directos do assumpto. Já agora, o simples enunciado acima nos revela a existencia delles, e em tão grande copia, que poderia, quem sabe, figurar-se a alguns superfluo o exame de todos quantos. A' maneira daquelle capitão com um soldado, que justificando-se de não haver atirado contra o inimigo, allegara como primeiro motivo a falta de polvora, poderia querer alguém atalhar-nos, cingindo desde logo a exposição apenas á mais decisiva das provas. Mas é que nem sempre se mostra assim em todos os casos generosa. Clio com os seus pobres servidores, que muita vez, sem prejuizo, aliás, do criterio de certeza, se têm de contentar com uma simples prova supletiva. Neste caso, realmente typico, de rectificação historica, convem, pois, e não deixa de ser ademais interessante, examinar, na sua mutua concordancia, cada uma dessas peças, mostrando afinal os recursos de que se vae á sciencia para a investigação da verdade, ou, numa palavra, como se faz a Historia.

1.o) O testemunho negativo de um historiador — A mais antiga e a certos respeito abundante fonte de informações que nos depara a bibliographia sobre o movimento liberal de 42 continuam a ser os dois volumes em couro vermelho de um milheiro de paginas do famoso Conego Marinho, a quem não chamaremos propriamente o historiador, mas, sim, com mais justeza, o chronista da revolução de que foi um dos mais influentes partidarios. Fumegavam ainda em Minas os campos de batalha quando, em pleno desenrolar dos factos, empunhava aquelle politico uma penna que não podia evidentemente manejar, como a de Tacito, "sine ira ac studio".

Parco de apreciações relativamente a S. Paulo, não deixou todavia de occupar-se com a figura de Feijó, tecendo ao seu destemor, á sua impassibilidade, os merecidos encomios. No tocante, porém, a qualquer especie de violencia pessoal ou maus tratos por parte de Caxias para com o mesmo, nem uma só palavra. Ahí está o que se chama um depoimento meramente negativo, da maior valia, porém, e alcance no nosso caso. Quem, seguindo a norma de pescador de La Fontaine — "tout fait nombre" — não duvidou andar a cata de tudo o que por obra dos seus mais remotos e obscuros logar-tenentes, era possivel, nos diversos pontos, accumulou em desdouro do vencedor de Santa Luzia, não deixaria certo passar si o tivesse visto, esse camarão pela malha.

Censurar por bocca dos amigos, elogiar pela dos adversarios, eis a melhor das normas do criterio historico e a razão é clara, porque aqueles buscam esconder todos os defeitos e estes, naturalmente, calar as boas qualidades. Quando, portanto, em facto publico, um amigo declarado, sem razão privada, não elogia ou um adversario confesso não accusa, signal é de que não ha materia, nem para uma cousa nem para outra. Não haverá, porém, no nosso caso, logar para um meio termo, isto é para um historiador nem apologistas nem tão pouco detractor systhematico. Mas apenas insuspeito e que, sem louvor nem condemnação, se limita simplesmente a narrar? Tratemos de o procurar, não sendo mister para isso deitar a livraria abaixo.

2.o) O testemunho positivo de um historiador. — Bom seria si pudéssemos encontrar um historiador que tivesse escripto em S. Paulo, nem tão proximo dos successos, como o Conego Marinho, que escreveu com o nariz enconestado, por assim dizer, ao edificio, sem o necessario recuo do tempo para divisar-lhe a perspecti-

va, nem tão pouco muito distancia- do d'elles. Melhor ainda que tivesse escripto em Campinas, cidade em que residia Feijó e da qual partiu elle, como vimos, para a de Sorocaba, logo ao dia seguinte ao da explosão da revolta. Alguem que hou- vera fallado ou escripto n'uma época em que existissem ainda contem- poraneos dos factos com capacidade bastante para se oppor um contra- dito formal a qualquer deslize da verdade. Esse historiador a dedo, cuja invenção dir-se-ia, ao parecer, mais difficil para nós, actualmente do que para os antigos egypcios a do santo boi Apis, esse historiador existe e vamos já, sem demora, ou- vil-o, pois não é outro senão o dr. Americo Brasiliense.

Professor como se sabe, o illustre paulista as suas "Lições de Historia Patria, em Campinas, no anno de 73, no Collegio S. João, de propriedade de J. B. da Silveira Caldeira. Colli- giu-as mais tarde, em volume, em 1876, José Maria Lisboa. Falou, por- tanto, o referido historiador, já a- quietadas as paixões e com uma im- parcialidade e criterio taes que lhe abriram sem demora as portas do Instituto. Historiando distanciado dos factos, como nós hoje por exem- plo, do levante militar da Praia Ver- melha contra Rodrigues Alves, vam- os a ver, e já não é sem tempo, o que é que elle nos diz a respeito de Caxias e Feijó em Sorocaba:

"O general em chefe sabendo que Feijó não se havia occultado, mandou um tenente fazer-lhe companhia e conserval-o sob as suas ordens na mesma casa onde residia" (***)

Voilà tout!... E não era mesmo o mais natural, o mais pratico e mais simples que elle tinha a fazer nessa emergencia? Quer isso dizer, portanto, que é mister recolher o mais breve possível, para que não se percam, ao museu da fabula, a ca- deira de braços, a competente es- teira e, convenientemente empalha- dos os quatro soldados que pelas ruas sorocabanas, foram carregando Feijó para o estado maior do Barão de Caxias... Recolher tudo isso? Que esperança! Só em outros paizes menos adeantados, onde as revela- ções, as aquisições, as verificações dos pesquisadores, uma vez contras- tadas pelos competentes, p... doutos, se incorporam afinal, definiti- vamente, ao patrimonio scientifico nacional. Entre nós, isso não se pôde dar, como temos ahi a prova. Pois não é verdade que aquelle relato de A. Brasiliense é velho e revelho de mais de meio seculo? Não convem, pois, mexer por enquanto n'aquellas preciosidades, e sim deixal-as onde estão, já que de uma hora para ou- tra, terá de movimentar-se nova- mente o prestito tangido pelos mo- dernos historiadores "cumdem ser- monem dicentes"...

Em Sorocaba, em todo o caso, si não morreu de todo a tradição, o que é pouco provavel, deve apontar- se ainda a casa onde permaneceu Feijó. Mas, si tiver o leitor, o que de boa mente lhe reconhecemos, uma pitada de senso historico, não é a casa que agora o preoccupa e sim conhecer, sendo possível, o nome do tenente.

Particularmente dadivosa, agora, contra seus habitos, ha por bem Clio satisfazer tambem a essa legitima curiosidade. Tanto mais quanto está ainda o leitor, que pratica natural- mente a duvida methodica aconse- lhada por Descartes, no seu legitimo direitos de exigir as provas, as pro- vas provadas em que se funda o asserto de Americo Brasiliense. Co- mo não as apresentou elle então, por se tratar com certeza de facto pu- blico e notorio, vamos nós supprir- lhe a falta, mediante

3.º) o depoimento do Barão de Montalegre, presidente da Provin- cia.

O depoimento de Brasiliense si- gnifica que Feijó "não foi levado

por ordem de Caxias para prisão al- guma mas ficou, como se diz, sim- plesmente em custodia". Nem podia ser de outra forma.

Além da parte activissima que an- teriormente tomara no levante, é preciso dizer-se que, após a fuga mais ou menos ingloria de Tobias, assumira o velho senador intimora- tamente em lugar d'elle, a vice-pre- sidencia da provincia, baixando para esse fim uma proclamação que foi encontrada com outros papeis na ca- sa de Lacerda, contigua á da Mar- queza de Santos por occasião de ser o predio della varejado pela policia. Reza assim esse documento que não vi publicado até hoje em parte algu- ma:

"D. A. F. do Cons. de S. M. Grão Cruz da Impal. Ordem do Cruzeiro. Senador do Imperio por mercê dos D.S. Paulistas.

"O Exmo. Presidente vendo-se obrigado a ausentar-se para fóra desta Cidade a tratar negocios ten- des. á causa que defendemos, mas tendo de voltar brevemente com- tudo para não passar (?) o expen- dente da presidencia, nomea-me seu Delegado para com o nome de Vi- ce-Presidente dar todas as provi- dencias convenientes ao estado actual da Provincia.

Meus Patricios confiai em mim, nada pouparei para coadjuvar-vos. Sede obedientes ás ordens dos vossos superiores, tende patriotis- mo e coragem e breve sereis cob- ertos de gloria. — D. A. F."

A promettida volta de Tobias foi a de Lycurgo. Feijó ficou sózinho.

Tomada immediatamente essa me- dida que qualquer chefe militar cons- cio de suas responsabilidades por certo tomaria, communicou-a na mesma hora Caxias a Montalegre. Parece, porém, que attento o visível estado valitudinario de Feijó, e á sua qualidade de Serador do Impe- rio, pediu ao Presidente as necessa- rias ordens para até mesmo dessa simples custodia dispensal-o. E' o que se depreheende claramente do primeiro periodo do officio que, no dia 21 de Junho, ás 2 horas da tarde, lhe dirigiu Costa Carvalho:

"Não me animo a relaxar o Se- nador Feijó da custodia em que V. Ex. muito bem o poz, porque elle, bem que Senador, é eviden- tissimamente compromettidos co- mo cabeça, na rebelião".

Não sómente não se falla ahi em detenção da reclusão de Feijó, como parece que procurava Montalegre argumento para responder ahi ne- gativamente a alguma suggestão de Caxias no sentido de se concederem regalias especiaes ao velho Senador. Materia de ordem puramente politi- ca não lhe cabia, claro está, ao gran- de cabo de guerra insistir no assum- pto. O que o preocupava eram as necessidades militares do momento. Assim, sem dormir sobre os louros da victoria, trata logo, prudente ca- pitão de ausentar-se de Sorocaba onde já não tinha que fazer, dirigin- do-se primeiramente a Itu' afim de dar um ar de sua graça pelas Villas do Norte que ameaçava ainda a tranquillidade da Provincia.

Montalegre, porém, no seu feitio cauteloso não ficou socegado com a presenca de Feijó em Sorocaba, es- tando ausente Caxias. Muito embora ainda lá estivessem de promptidão as forças do famoso Batalhão 12. Achou assim que devia transportar o velho revolucionario para S. Pau- lo e dahi para a Côrte. Resolução sua e que não devia ser muito do a- grado de Caxias tanto assim que o Presidente lh'a communicou, para a sua resalva, com certeza, não em carta particular mas em officio os- tensivo com todas as formalidades. O leitor naturalmente, desejará ver, sendo possível, este officio. Lance os olhos abaixo. Ahi o tem, e por tão bom calligrapho lavrado que nos dis- pensa a sua transcripção.

Officio do Sr. Senador M. e Caxias.

Para a honra de reuiber. Officio em que Sr. Ex. me commo- nica a existencia de Senador Diogo Antonio Feijó na Cidade de Sorocaba, e as medidas tomadas por Sr. Ex. para segurança do mesmo, julgo, que o dicto Senador, podendo ser perigo a esta Provincia cuja rebelião tanto promoveo, si sustentado, deve ser remittido a esta Capital, para ir de aqui para o Rio de Janeiro.
Deos Guarde a V. Ex. Palacio do Governo de Paulo
22 de Junho de 1842.

Sr. Barão de Caxias.

Barão de Montalegre.

Deve existir, e se torna agora fa- cil a alguns curiosos das velhas cou- sas procural-o, nos archivos do Es- tado, esse officio de Caxias, com- municando ao Presidente as provi- dencias tomadas para a segurança de Feijó. O que nos resta agora é examinar como é que recebeu a intimação o Senador. Terá respondi- do com aquelle sereno e calmo — "Estou ás suas ordens" da nossa in-

teressante historieta? E' o que vam- os a ver no proximo artigo.

(*) Tenho esta minucia do meu il- lustre amigo Dr. Bento Ribeiro de Castro, estreitamente vinculado, em Quissaman, á familia do Duque.

(**) "Convido-o a acompanhar- me", diz o texto da anecdotica.

(***) "Lições de Historia Patria" pelo dr. Americo Brasiliense, pu- blicadas por José Maria Lisboa, — S. Paulo, 1877, p. 267.

A inauguração do monumento a Christo Redentor

ABATIMENTO NA VENDA DE PASSAGENS
RIO, 1 (H.) — O ministro da Viação resolveu autorisar á dire- toria da E. F. Central do Brasil, a Venda de passagens de ida e volta com abatimento de 50 o/o nas esta- ções do Interior a começar de hoje até o dia 12 do corrente mês, afim de facilitar a vinda a esta capital das pessoas que quizerem assistir ás festas da inauguração do mo- numento ao Cristo Redentor.

No mesmo sentido a Leopoldina Railway resolveu que as passagens simples das estações situadas a mais de 300 quilometros desta ca- pital, tambem tenham o valor de passagens de ida e volta.

Modificação nas tabelas das usinas de assucar

RIO, 2 (A. B.) — O ministro do Trabalho vai submeter na proxima semana á consideração do chefe do governo provisório, um projeto de lei modificando as tabelas atuais para as usinas de assucar.

Ministros que conferenciaram com o chefe do governo

RIO, 2 (A. B.) — Despachou hoje com o chefe do governo provisório o ministro José Americo da pasta da Viação, tendo conferenciado com s. exa. o ministro Lindolfo Color, da pasta do Trabalho.